

# CRISES CONJUGAIS: RISCOS E OPORTUNIDADES

*Marfiza Ramalho Reis*

**Palavras-chave: conjugalidade, paixão, projeção, crises, *anima-animus*, individuação.**  
**Key words: conjugality, infatuation, projection, *anima-animus*, individuation.**

Numa conversa amigável entre dois irmãos, ambos em torno dos 60 anos, ouvi: “Eu gosto mais de casamento do que você, é por isso que estou no quarto casamento, enquanto você está há trinta anos com a mesma mulher.” “É, será tara?” - responde o outro.

Essa conversa parece ser a expressão de algumas questões sobre o casamento e que têm sido motivo de estudos e de tantas outras interrogações: Como lidar com a necessidade de autonomia, independência, necessidades individuais e o desejo de reciprocidade na relação a dois? Será que são demandas contraditórias? Qual é o sentido da escolha do(a) parceiro(a)? As pessoas têm poder de escolha? Enfim, pode-se ser quem se é e, ainda assim, se unir intimamente numa relação amorosa?

## **Paixão e os caminhos do amor**

Platão dedica três diálogos ao amor: *Lísis*, *Banquete* e *Fedro* (Pessanha, 1987). Como se vê no *Banquete*, o tema do amor vem de muito longe; sua origem se perde em insondáveis tempos remotíssimos, cujo começo jamais presenciamos. Como sugere o *Fedro*, o amor é tema que não se encerra nem se exaure: apesar de permanentemente retomado, permanece inconcluso, aberto sempre à possibilidade de novas variações. No *Lísis*, aparece a formulação da tese platônica de que ao amor passional, escravizante, avassalador, contrapõe-se outro tipo de amor: aquele baseado no aprendizado, no saber, e que liberta.

Através de Sócrates, Platão investiga a etimologia de *éros* - aproximando “amor” e “herói”. Ele mostra que todos os heróis são seres híbridos de mortalidade / imortalidade, pois são nascidos de um deus e de um mortal. Revela que esse nome (herói) é derivado de “amor” (*éros*), ao qual os heróis deveram seu nascimento. O herói é, então, ele mesmo,

obra de *éros*.

Em *Fedro*, Sócrates distingue duas etimologias de *éros*, correspondentes a dois de seus aspectos: para os homens, o amor é *éros* “alado”; para os deuses, é *ptéros* “alante”, doador de asas.

O casamento pode ter surgido do esforço de se compreender a natureza paradoxal do amor, ou seja, de uma necessidade psicológica. Como simples mortais, talvez longe da compreensão do que seja o amor, batemos nossas “asas” (com estudiosos e poetas) em busca do que consideramos o sentido da existência humana.

No dicionário *Aurélio*, paixão é definida como “sentimento ou emoção levado a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão”. Do latim *passione* significa sofrimento.

Carotenudo (1991, p.49), cita Jung que diz ser “o amor, no sentido da concupiscência, a mais infalível dimensão dinâmica que traz o inconsciente à luz”. E, esclarece que esse estado é caracterizado pela ruptura violenta do próprio núcleo defensivo narcisista, em que o sujeito é arrancado da sua solidão para retornar o contato com os aspectos vitais de si mesmo, até então removidos. E o poeta (Andrade, 1986, p.35) disse que “amor foge a dicionários e a regulamentos vários”.

Sempre questionamos por que fomos atraídos um pelo outro naquele espaço e tempo particular. O que tornou aquele encontro mais encantador que outros? Alguma mágica no ar? Estávamos inconscientemente procurando um pelo outro?

“Pronto para apaixonar-se” e “ver a imagem do amor no outro” são as frases chaves, de acordo com Desteian (1989, p.67). Ele quer, com isso, dizer que alguém se apaixonava quando está num estado psíquico de prontidão para apaixonar-se. A psique, num estado receptivo, não é um estado especialmente ativo, mas um estado de apatia, indiferença, tornando o indivíduo um pouco deprimido, pouco entusiasmado pelas coisas; há um rebaixamento de consciência. É nesse estado improdutivo, estagnado, que mais nos tornamos vulneráveis a nos apaixonarmos pela pessoa que mais se aproxima do nosso inconsciente “ideal de amor”. Sorte estarmos no lugar e tempo certos para encontrar esta determinada pessoa. Esse estado pode ser o prelúdio de um intenso período criativo em nossas vidas, ou não, uma vez que a projeção de *anima-animus* explora as possibilidades adormecidas do inconsciente. Nesse sentido pronuncia-se Bachelard:

Conquistar uma alma é encontrar sua própria alma. Nos devaneios do amante, do ser que sonha com outro ser, a *anima* do sonhador se aprofunda sonhando a *anima* do ser sonhado. ...Ao dobrar o nosso ser idealizando o ente amado, desdobramos o nosso ser em suas duas potências de *animus* e de *anima*.

( Bachelard, 1960,p.74 )

O processo de apaixonamento é o mesmo para todos nós; acontece com todos porque respondemos ao enredo romântico de forma similar - é universal. Uma das razões de ser tão maravilhoso apaixonar-se é que não escolhemos ter essa experiência. Simplesmente nos acontece, e nem podemos escolher por quem nos apaixonar, não há fórmulas ou regras, mas sim um complicado processo interno. Nenhuma mulher pensaria em se apaixonar por um marginal, mas vemos tais acontecimentos nos jornais e nos nossos consultórios. O que elas vêem nesses homens? Não o bandido que cometeu crimes, mas traços de personalidade que anunciam o conteúdo psíquico de cada mulher sobre o homem que elas podem amar. São atos que a paixão pode fazer.

### **Projeção e crises**

Um dos mais antigos simbolismos da projeção é aquele do projétil, ou melhor, da flecha ou disparo mágico que prejudica os homens. Na Mitologia, são especialmente Apolo e Ártemis que, com suas flechas, enviam a morte e a doença. Entretanto elas não só podem causar doença e morte, mas também a comoção repentina da paixão amorosa como a que provém das setas do deus *Éros*. Na mitologia hindu, o deus do amor, *Kama*, aparece armado de arco e flecha, e Buda designa o desejo ávido como flecha. A palavra “projeção” vem do vocábulo latino *pro + jacere*, “atirar à frente”.

Amamos no outro o que não reconhecemos em nós, mas também odiamos no outro o que não admitimos possuir. Assim, surgem as grandes paixões e ódios, pois a realidade do outro fica mascarada, obscurecida. A projeção evoca uma reação física e psíquica que inunda a consciência com conteúdos inconscientes. E, como escreveu Bachelard (1960,

p.70), ...“nos segredos dos devaneios solitários, animam-se, assim, não sombras, mas clarões que iluminam a aurora de um amor”.

A sedução é um prelúdio necessário e ocupa grande parte na excitação e tensão da inflação do ego. Sentimo-nos confiantes de nós mesmos e do nosso valor. As diferentes vivências decorrem também das primeiras influências em nossas vidas; tanto do ambiente no qual crescemos, como do desenvolvimento psicológico e cognitivo. Na paixão, “não se vive sem o outro”, e assim, as polaridades vida e morte ficam muito ativadas, resultando na sensação freqüente de perda. A morte - simbólica - é um tema muito recorrente nos sonhos e fantasias dos que estão enamorados. A paixão evoca a sensação de morte não só física, mas também inúmeras mortes psíquicas, sendo então, um prenúncio para transformações na personalidade. Pode-se também matar (e não é por acaso que inúmeras tragédias estejam ligadas ao amor) quando a paixão não pode ser levada adiante. Um exemplo é *Werther*, de Goethe, e os inúmeros suicídios surgidos após a publicação do romance. Doença de amor, diz Galiás (2005, p.115), “é muito séria, mata. De amor se morre, por amor se mata, quando o amor cai doente e nem sempre se trata”.

Atrair (flechar) o outro é ao mesmo tempo tocar uma parte de si mesmo; é um meio de integrar os aspectos vistos no outro, dos quais decorrem dois problemas: o primeiro é que o outro não é só o que vemos, mas uma totalidade que nós não conhecemos. Em geral, no enredo das crises familiares o elemento da projeção desempenha o papel principal.

Um segundo problema é que os sentimentos e traços da sombra, enquanto estão projetados, são impossíveis de serem integrados, sendo necessário que a pessoa amada permaneça desconhecida para mantermos a paixão. Porém, como o cotidiano é implacável e o instinto de individuação pressiona, a demanda interna começa a diferir da imagem projetada, surgindo, então, os conflitos. Os arquétipos e os complexos, como mostrou Jung (1981), se apresentam em forma de projeções e, manifestam-se nas pessoas com quem se convive, subestimando ou sobreestimando-as, provocando desentendimentos e loucuras de todo tipo. Lembramos que o nome da mãe de *Éros* era “*Pênia*”, que significa pobreza, necessidade.

“A escolha do parceiro, normalmente, se realiza por motivos inconscientes e instintivos” (Jung 1981, par. 330), e percebemos que o portador da projeção e o seu conteúdo projetado têm uma correspondência intrínseca, razão pela qual se instalam as

crises conjugais, onde o amor dado ou negado pode ser doído, mas também fértil. Muitos casais sucumbem após algumas crises, enquanto outros aproveitam como uma oportunidade no caminho de individuação.

Segundo Jung (1981), em sentido psicológico, somente poderemos falar em relacionamento pessoal quando se tornar conhecida a natureza da motivação inconsciente e suprimida a identidade inicial.

### **A possibilidade de transformação**

Esse incômodo e mal-estar vividos nas fases de crises, geralmente é resolvido em um dos três modos seguintes. Um deles é reprimir a reação natural de ver o outro como ele é, ou seja, evitar a realidade de sua percepção e reação emocional - atitude muito freqüente na nossa cultura patriarcal, em que os sentimentos são colocados num segundo plano. Outro modo é exercer controle sobre o cônjuge, em vários sentidos, por exemplo: reações de raiva, desaprovação, afastamento, manhas ou algo parecido. A possibilidade de perder a autonomia, a busca ideal ou a parceria gera angustia e dor. Nesse caso vive-se a crise com mais riscos do que oportunidade. Um terceiro modo é através da integração da sombra, que só acontece com a retirada das projeções lançadas no parceiro.

O reconhecimento da imagem do outro, como fator interno, traz de volta a energia investida fora, para que possa retornar ao seu desenvolvimento. Quando as expectativas não coincidem com a realidade, o indivíduo não pode evitar a dor e o sofrimento. Mas, como escreve Carotenudo (1991, p.39):

“... é nesse momento, na dor, que a ausência do outro provoca, na ferida que o abjeto de amor inflige, na violência do desejo que só o amado consegue suscitar, que o amante percebe imprevistamente que está vivo”.

Jung comparou, segundo relato da Von Franz (1988), o complexo do ego, com um homem pescando e navegando em seu barco no mar do inconsciente. Ele não pode sobrecarregar seu barco com peixes da profundidade, isto é, com conteúdos inconscientes, além do que é capaz de agüentar, senão afunda. Isso explica por que as pessoas com ego fraco, quase sempre se defendem desesperadamente de toda elucidação de suas projeções

negativas. Como analistas sabemos que a retirada e a integração de projeções é uma questão delicada, que exige cuidados.

Entender o papel da projeção do *animus-anima* na conjugalidade significa discriminar o que está “dentro” e o que está “fora”. Aprender a lidar, com o lado Masculino (ou Feminino) corresponde ao desenvolvimento da autonomia, segurança e confiança na relação amorosa. Se, por um lado, a conjugalidade está subordinada ao modo como cada cônjuge lida com os seus próprios conteúdos internos, por outro lado, a convivência no dia-a-dia, as descobertas e perplexidade decorrentes dos encontros e desencontros aumentam a capacidade de se auto-avaliar.

O recolher das projeções pode levar ao autoconhecimento e a uma troca profunda e íntima entre os cônjuges. Pode também ser a descoberta de que se “dorme com um estranho” e, portanto, o vínculo perde o sentido. Nosso processo de individuação é pautado pela pressão de forças antagônicas; as conhecidas e as desconhecidas, as que nos convidam ao aconchego da casa e da parceria, assim como, as “não vividas” (sombra) pressionando e nos impelindo ao risco porque é aí que a tal “imagem ideal” faz a sua coreografia e nos seduz.

As relações conjugais vêm se transformando há séculos; o casamento exige dos cônjuges constantes ajustamentos para que a família se desenvolva. As crises podem ser pensadas, não como falência, mas como períodos de grande vulnerabilidade, ou seja, como uma fase decisiva em que mudanças de atitudes são necessárias, já que os instrumentos usados deixam de surtir efeitos. É o tempo em que os indivíduos precisam recorrer a meios ainda não utilizados, mexer com a homeostase e lidar com as transformações. Essa é uma fase em que os teóricos de sistemas denominam período de desequilíbrio e, portanto, de transformação potencial dos sistemas.

Jung ressalta em seu ensaio *Casamento como Relacionamento Psicológico*:

Raramente ou nunca, um casamento torna-se uma relação individual suavemente sem crises. Não há nascimento da consciência sem dor. A desunião consigo mesmo gera descontentamento e, uma vez que a pessoa não está ciente do verdadeiro estado de coisas, projeta em geral as razões dessa insatisfação no parceiro. Cria-se assim uma atmosfera de críticas, que é o prelúdio necessário à percepção no plano consciente.

(Jung, 1981 par. 331)

A relação conjugal considerada como um dos caminhos para a individuação (Reis, 1999), requer atenção aos confrontos e às crises conjugais do cotidiano; no amor, na rejeição, no mal e no bem. O conflito com o cônjuge provoca uma ressonância interna que ativa as polaridades consciente-inconsciente, inflacionando os complexos, o que é exteriorizado de forma inadequada e às vezes nos seus extremos. Brigas e desentendimentos acontecem, causando tanto atração como repulsão, porém, propiciando a oportunidade de confrontar o impulso como um “tu”, ou seja, como algo diferente do “eu”, e assim, o estado de identidade pode evoluir para a diferenciação. Nas crises conjugais, irritação, fascínio e admiração se mesclam, apontando para um potencial indiferenciado e inconsciente. Quando desenvolvido conscientemente, poderá tornar a relação construtiva, e a busca da individualidade, nesse sentido, mescla-se na procura do laço conjugal.

Nos primeiros anos de casamento, o casal absorvido com a adaptação às necessidades da vida e criação dos filhos tem pouco tempo para reflexões. Assim que as necessidades externas cessam, os cônjuges passam a ter tempo de se preocupar um com o outro; e então, percebem que, na luta pela sobrevivência, a intimidade ficara comprometida. E quando procuram entendimento, descobrem as diferenças, o que propicia as querelas. “Agente briga, diz tantas coisas que não quer dizer, briga pensando que não vai sofrer, que não faz mal se tudo terminar. Um belo dia...” cantou Dolores Duran. É importante, que o lado sombrio possa se manifestar, pois nenhum casamento suporta um parceiro se encarregando de um dos lados da personalidade do outro.

Dessa maneira, percebemos as crises e confrontos como possibilidades de aprofundar a relação. Assim, o casamento torna-se um dos caminhos na busca de individuação. Muitos psicólogos e estudiosos da dinâmica familiar não só concordam, mas sobretudo consideram as vivências de conflitos construtivas para as relações. Alguns, como Bach & Wyden (1991, p.13), afirmam: “Descobrimos que os casais que brigam juntos são aqueles que permanecem juntos”. Eles procuram mostrar que os casais que convivem com menos mentiras e inibições sentem-se livres para crescer emocionalmente não só como indivíduos, mas também como parceiros. Sentimentos hostis são inevitáveis e não podem ser ignorados numa relação que busca intimidade. “Sofrer não é doença, mas o pólo oposto, normal da felicidade” (Jung, 1988, par. 179).

Aprender a lidar com as diferenças é muitas vezes confundido com a crença do amor romântico de aceitar o outro como ele é. Isso só seria possível com a individuação, mas, se, como nos fala Jung, só existe enquanto meta, então, nos resta a consciência de que conflitos e confrontos são inevitáveis no casamento. Dessa maneira, a dor provocada pelo conflito é o preço a se pagar por um amor verdadeiro e duradouro. “O homem que não atravessa o inferno das suas paixões também não as supera” (Jung, 1964, p.243).

A passagem da paixão para o amor só acontece através de uma série de provas. Provas que impomos a nós mesmos e ao outro. Se forem superadas, entramos no mundo que chamamos amor; do contrário, aparece a renúncia ou a petrificação. As dificuldades conjugais são inúmeras vezes decorrentes desse esforço em lidar com nossas próprias polaridades e adequá-las ao cotidiano, ou seja, os sentimentos e as obrigações do dia-a-dia.

Nessa fase do desenvolvimento pessoal em que a consciência se expande, os casamentos mantidos pela inconsciência e repressão não se sustentam. Alguns estudiosos do sistema familiar concordam que o divórcio reflete a importância do casamento e, justamente por valorizarem a conjugalidade, quase sempre, os divorciados buscam o recasamento. A integração das projeções pode transformar o casamento em uma simples relação amistosa. Entretanto, diante da impossibilidade de vivermos sem projetar, as questões surgem de outra maneira em outras relações, ou num casamento longo, já que o processo de individuação pressiona e nos retira da mesmice. Algumas pessoas necessitam de diferentes parceiros para lidar com suas projeções, às vezes dois, três ou quatro casamentos. Como observou Jung (1988, par. 445), “ninguém se vincula com o outro, se antes não se vincular consigo mesmo”. O processo de individuação se, por um lado, é um processo interior e subjetivo de integração, por outro, é um processo objetivo de relação com o outro. Embora, muitas vezes, prevaleça um desses aspectos. Poderíamos dizer que é o individualismo e o altruísmo se alternando na busca do equilíbrio. O individualismo prevalecendo, há o perigo de a pessoa esquecer as suas obrigações com o parceiro, com a família e a sociedade. Assim como, o outro pólo exacerbado pode fazê-lo esquecer que seu compromisso não deve ser exclusivo aos outros, mas principalmente a si próprio.

A intimidade na relação como a possibilidade de trocas de emoções e ações, fortalece o laço conjugal e aprofunda as relações consigo mesmo e com o outro. Remete-nos à nossa necessidade de “apego”; ao reconhecimento de que necessitamos dos laços

afetivos e das figuras de apego. Consciente ou inconscientemente, todo amor é interesseiro, amamos porque queremos ser amados, não há amor desapegado ou gratuito.

O reconhecimento das próprias peculiaridades e a alteridade no casamento favorece um distanciamento – relação pessoal - e a vivência de solidão. A relação íntima, remetendo-nos a nós mesmos, traz renovação e emerge em nós um novo ser. Nesse sentido, a conjugalidade é nela mesma, criação. Não se pode pensar em caminho de individuação, diferenciação, individualidade, enfim, tornar-se si-mesmo, sem aceitar a própria solidão. Talvez seja esse o preço dessa conquista: lutas e solidão. “A plenitude da vida, diz Jung (1986, par.72), tem normas e não as tem, é racional e irracional”. Nas palavras de Vargas (1997, p.9): “Os paradoxos muitas vezes são a melhor expressão de complexas situações e verdades profundas”.

O padrão de alteridade, como nos mostrou Byington (1988), é uma forma mais diferenciada de relacionamento humano, longe de ser a mais fácil ou mais segura. Ele ressalta:

O preço de sua espontaneidade, criatividade e liberdade é a capacidade de conviver permanentemente com o desconhecido, a dúvida, a tensão entre as polaridades que através da sincronicidade, determinam a cada momento o vir-a-ser.

( Byington, 1988, p.93)

Se, como observou Jung, individuação não é perfeição, mas o ser completo, então nessa completude está inserida a privação e a falta. Assim, a compreensão de termos que conviver com a falta nos lembra a nossa humanidade e finitude. Essa solidão nos remete à impossibilidade de compartilhar certas vivências, sentimentos, intuições, sonhos e tantas emoções que expressam a nossa singularidade. “Vivenciar o inconsciente é um segredo pessoal difícil de ser comunicado e a poucos” (Jung,1991, par.61). Talvez uma profunda compreensão a esse respeito tenha levado Carotenuto (1991, p.55) a escrever: “Creio que nenhuma terapia, nenhuma experiência permita eliminar esse sentimento de vazio que o amor, iludindo-nos, nos promete preencher”.

Não há relação de amor sem ressentimentos e inquietações, uma vez que o fundamento do desejo é a falta. É preciso aceitar a solidão para compreender o que

significa a presença do outro, mas é sempre perturbador tal reconhecimento. Aceitar a falta e a ausência do outro, separar-se daquilo que se ama e sair da simbiose pressupõe a interiorização do outro. Se amar é estar bem, sozinho, temos que distinguir essa solidão como contendo a energia do amor e do apego. Não é a presença do outro que satisfaz, mas o outro dentro, internalizado - a “presença na ausência”. A completude desse “estar só” é o *coniunctio*, o casamento sagrado ou a reconciliação dos opostos, porque, do contrário, seria insuportável a solidão.

C. D. de Andrade (1984, p.25) em *Ausência*:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.  
E lastimava, ignorante, a falta.  
Hoje não a lastimo.  
Não há falta na ausência.  
A ausência é um estar em mim.  
E sinto-a branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,  
que rio e danço e invento exclamações alegres,  
porque a ausência, essa ausência assimilada,  
ninguém a rouba mais de mim.

O casamento como percebemos em muitos casos pode representar uma longa caminhada de duas individualidades, onde “(re)casamentos” acontecem, não sendo, portanto, um casamento longo com a mesma mulher ou com o mesmo homem. Ambos se transformam enquanto caminham “juntos”, pois as buscas em *animus* e em *anima* não têm a mesma riqueza em todas as idades. Em longas caminhadas, só podemos manter o ritmo se pudermos celebrar as diferenças, pois esses são os momentos do reapixonamento, do reconhecimento das nossas faltas e do quanto precisamos do outro para enfrentar os desafios da vida. Quando o casal constrói uma configuração própria, ou seja, cria um modelo peculiar de convivência, pode-se denominar “individuação conjugal”.

Em se falando de “relações amorosas” será que encontraremos respostas? Jung (1961, p.305), referindo-se tanto a sua vida profissional quanto a pessoal diz: “colocaram-me constantemente diante do mistério do amor e nunca fui capaz de dar-lhe uma resposta válida.”.

Djavan em *Pétala*:(CD.Luz.1982).

Por ser exato  
o amor não cabe em si

por ser encantado  
o amor revela-se  
por ser amor  
invade  
e  
fim.

## SINOPSE

Considerando a difícil tarefa de conciliar conjugalidade e individualidade, buscamos neste artigo uma maior compreensão das relações amorosas.

A paixão e o amor são vistos de formas distintas, e ambos como expressão emocional de um processo inconsciente, presente em cada um de nós. A paixão é considerada um intenso período criativo, em que a projeção do *animus* ou da *anima* explora possibilidades adormecidas no inconsciente.

A relação conjugal é considerada como uma das vias que auxiliam o processo de individuação de cada um dos cônjuges, na medida em que, suportando conviver com as crises, confrontam as sombras pessoais e familiares. Assim, o casamento é visto como uma possível relação de alteridade e amor.

## ABSTRACT

Regarding the difficult task of conciliating conjugality and individuality, this work aims for a greater comprehension of the love relationship.

Love and passion are seen in distinct ways, but both as unconscious psychological relationships, present in each one of us. Infatuation is regarded as an all-absorbing state that brings about creativity, in which the projection of the *animus* - *anima* provides the energy to explore the unconscious.

The marital relationship facilitates the process of individuation of each one of the partners to the extent that, affording to put up with crises, they face their personal and

family shadows. In that sense, marriage is seen as a possible relationship of alterity and love.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. D. (1986) *Corpo - novos poemas*. Editora Record. Rio de Janeiro.
- BACH, G. R. & WYDEN, P. (1968). *O inimigo íntimo - Como brigar com lealdade no amor e no casamento*. São Paulo: Summus, 1991.
- BACHELARD, G. (1960). *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BYINGTON, C. (1988). Adolescência e interação do self individual, familiar, cultural e cósmico - introdução à Psicologia Simbólica da Dinâmica Familiar. *Junguiana*. n. 6 p.47-119. São Paulo
- CAROTENUDO, A. (1991). *Eros e phatos - amor e sofrimento*. São Paulo: Paulus,
- DESTÉIAN, J. A. (1989). *Coming together-coming apart*. Boston: Sigo Press, 1989. Biblioteca Nueva. Madrid.
- GALIÁS, I. (2005). Do amor na saúde a saúde do amor. In. *Junguiana*. n.23. p.107-117. São Paulo.
- JUNG, C. G. (1986). *Símbolos da transformação*. 1912. Petrópolis: Editora Vozes..
- (1988). Psicoterapia e visão de mundo. 1943. In. *A prática da psicoterapia*. O.C. XVI. Petrópolis:
- (1991). *Psicologia e alquimia*. 1943. O C. XII. Petrópolis: Editora Vozes.
- (1981). Casamento como relacionamento psíquico. 1925. In *O desenvolvimento da personalidade*. O.C.XVII. Petrópolis:
- (1964). *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira,
- PESSANHA, J. A. M. (1987). Platão: as várias faces do amor. In : CARDOZO, S. (org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- REIS, M. R. (1999). Casamento: encontros e desencontros em busca da individuação. Dissertação de mestrado. PUC-RJ
- VARGAS, N. S. (1997). Descasamento, recasamento e a adolescência conjugal. *Junguiana*, São Paulo. n.15. p.8-16.
- VON FRANZ, M. L. (1988 ). *Reflexos da alma*. São Paulo: Cultrix, 1988.

